

MUNICÍPIO DE BARCELOS  
BIBLIOTECA

N.º 1—2.ª série

Barcellos, 1 de dezembro de 1905

Red. e adm.  
R. P. Ant. Barrozo

**IDEAL**

Typ. e imp.  
Soucx.-Barcellos

REVISTA LITTERARIA E SCIENTIFICA

**DUAS PALAVRAS**

Tendo sido interrompida tres mezes consecutivos a publicação d'este modesto e humilde jornal, devido a diversas circumstancias de força maior, de que nos surgiram obstaculos que nós não pudemos vencer, suspendemos a sua publicação, prometendo que em breve resuscitaria...

O promettido é devido.

Cá estamos nós, de novo, no campo glerioso da imprensa.

Como os nossos carissimos leitores sabem, sustentamos a nossa divisa, que é a independencia.

Nada temos, pois, a acrescentar; terminamos, saudando — enthusiasticamente — todos aquelles que moirejam nas lides jornalisticas.

*A Redacção*

*A Restauração de Portugal*

E' hoje que passa o anniversario da heroica revolta de 1 de dezembro de 1640.

Não devemos—nós, portuguezes—esquecer essa victoria, alcançada pelos verdadeiros heroes da nossa patria que, por assim dizer, marca uma nova phase para a nação que, por intermedio da dynastia intrusa, se achou vergada á Hespanha por espaço de sessenta annos.

Compulsando a nossa historia e examinando os seus factos mais notaveis, deparamos logo com a narrativa d'essa gloriosa revolução de 1 de dezembro de 1640, que sintetiza com toda a nitidez o que era o valor e a audacia dos portuguezes n'aquella época.

Nós—filhos d'este *lindo jardim da Europa á beira-mar plantado*— espiritos das gerações modernas, não esqueceremos **nunca** a data do 1.º de dezembro, anniversario da Restaura-

## IDEAL

ção de Portugal, escrevendo duas linhas para qualquer jornal commemorativo, que se publique.

A data de 1 dezembro de 1640 é um monumento immortredouro de gloria para esta nação.

Barcellos, 1905.

*v. de C.*

---

### Separação

*A...*

Eram duas horas da madrugada do dia 21 de 1...

A lua, esse astro hemdito que os poetas chamam a Cymthia formosa e Delia paranympa, parecia accessivel a tudo, dispersando meigamente pelo universo centelhas da sua luz celestial.

Seguia-a, submissa, uma pequenina estrella que mal se divisava.

As arvores floridas, a madre-silva elegante e vaidosa, o jasmim e todas essas mil florinhas campestres exhalavam um aroma enebriante e suave que só os amantes e as acariciadas pelo astro sublime sabem aspirar.

A natureza dormia.

Apenas no meio d'aquelle terreno silencio em que a vida é um

deleitoso sonho e o mundo um paraizo, levanta-se, de quando em quando a voz argentina e melodiosa do rouxinol para entoar um cantico tão agradável aos nossos sentidos que, ouvindo-a, ficamos arrebatados.

E quem sabe se algum ente humano e phantasiador estava absorto á face de tanta maravilha? Talvez. Uma alma apaixonada não pôde resistir á sensação deliciosa que lhe proporciona uma noite calma e amena, um sitio pittoresco e poetico e o doce gorgeio de um mavioso passarinho.

Sem duvida... ahi havia alguém.

N'um tóso banco de cortiça, graciosamente ornamentado de flôres e rodeado de laranjeiras cujos escóes cahiam brandamente no solo, formando um tapete alvissimo, via-se um vulto de mulher trajando véstes rosidêres, e tendo a face apoiada na mão direita.

Meditava... (Segue).

---

Por absoluta falta de espaço fomos forçados a reservar para o proximo numero, muito original, destinado para este.



### Na pittoresca cêrca da Misericordia

Não peças cantos ao triste  
Que, há muito, lyra não tem;  
Mas só no mundo quem resiste  
A seus pedidos? Ninguem!

Ninguem! que mesmo deixara  
Esquecer a minha dôr!...  
De novo a lyra pulsar  
Por si fôra, trovador!...

*Chico*

### CHRONICA THEATRAL

Vamos ter em Barcellos, muito brevemente, uma companhia dramatica, que dará algumas representações, entre as quaes «A Dama das Camélias».

Folgue a rapaziada!

Ha cá alguma cousa que mais faça estontear estes rapazes, do que a vozinha d'umas lindas raparigas, que cantam canções de fogo?!...

Para que entregarmo-nos ás tristezas, se a vida pôde ser levada a rir e a cantar?

Bem vinda seja! Já é tempo de passarmos estas infernaes noites de inverno noosso Gil Vicente.

A...

Tu és a rosa que me esmalta o jardim da existencia, brisa que me endoidece com a embriaguez do seu perfume, fanal de esperanza me surge luminosa em noite de vendaval, astro brilhante que me allumia o horizonte u'um momento de duvida, anjo que me enviou Deus á terra para acrisolar a minha fé, fazendo-me prever as doçuras do paraizo...

... Tu és esse livro que se abre nas horas amarguradas do infortunio e que tem sempre um beijo para cada lagrima, um conselho para cada desventura, um seio para cada fadiga, um sorriso para cada lagrima e um coração para todos os affectos; — emfim, és um ente adoravel, o conjuncto de todas as bellezas e phantasias da natureza.

*Judas & Galfoz*



CHRONICASINHA

--

O thema da minha chronicasinha d'hoje é sob a tão debatida *questão* dos **tabacos** na Imprensa franquista, republicana, regeneradora e imparcial.

Essa Imprensa surge, consecutivamente, nos seus artigos de fundo, clamorosos protestos contra essa monumental pyramide de manigancias que um governo bem pouco escrupuloso — que *felizmente* nos rege — nos quer, a despeito de tudo, impôr, essa *gollinha infame* o **contracto dos tabacos**.

Estremecemos deveras horrorisados ante o estendal de villanias que ahi campeia e jámais acreditaríamos que portuguezes houvessem que firmassem um conchavo humilhante sob todos os pontos de vista para a dignidade do paiz.

Portuguezes, a nossa honra, o nosso credito, estão ameaçados de perder-se!

A nossa autonomia vae submergir-se!

O governo está fraco e bem fraco e quer o remendem ou não a sua situação que creou é das mais desastrosas para a sua conservação.

A fórma como o governo tem procedido na celebre *questão* dos **tabacos**, teem-lhe creado uma atmosphera de antipathia de tal ordem que, apezar da sua boa vontade em se conservar, é certo o desconchavo geral, mais dia menos dia.

Portuguezes; alerta, nada de deixar passar essa *gollinha infame* — o *contracto dos tabacos!*...

Tirae o governo das mãos de quem o tem e se é vossa vontade ver o paiz bem governado, entregai-o nas mãos do eminente estadista, o ex.<sup>m</sup> sr. conselheiro João Franco.

E por hoje mais nada. No proximo numero continuarei.

Barcellos,  
25 | 11 | 906.

*Fulano de Tal*